

JOSÉ MANUEL MENDES

Entrevistado por Maria Augusta Silva

OUTUBRO 2004

«Ainda é viável, apesar do rude diagnóstico, apoiar nas urnas os partidos que conhecemos? Urge ou não repensar a democracia, de alto a baixo? A questão coloca-se. E parece-me essencial não a iludir por mais tempo. (...) Nenhum dogma me terá cegado. E não alieno nada do que é a minha memória das lutas que empreendi. O meu silêncio não é uma deserção nem um pacto com a inércia social. (...) Este é o tempo em que continuam a chegar-nos livros, verdadeiros milagres de arte no meio de um interminável conjunto de obras menores. A arte é um dos últimos refúgios do sagrado num tempo à mercê dos imediatismos e das cegueiras da razão».

Infância, um anjo protetor?

Uma praia de luz à medida que a minha treva se adensa. Uma viagem que procuro. Um refúgio da última felicidade.

Anda em "busca do tempo perdido"?

No quotidiano, algumas das regiões do sagrado estão dentro de nós. É esse reencontro com regiões muito profundas de mim mesmo que, em circunstâncias múltiplas e complexas, se me impõe.

Como vive o amor?

Com total despojamento, beleza, ternura. E sobressalto. Há em mim uma serenidade cheia de desassossegos.

Discurso do amor está de regresso à literatura?

Se aferirmos o que se passa a partir dos livros que nos chegam de todo o mundo, verificaremos que, tal como os temas históricos, o do amor se mantém entre os preferidos pelos autores. Como, se calhar, sempre aconteceu. Parece-me, no entanto, que, salvo exceções, não é de grande qualidade o que vamos lendo.

Criatividade em decadência no campo das letras?

Não falaria, apesar de tudo, em decadência. Este é o tempo em que continuam a chegar-nos livros, verdadeiros milagres de arte no meio de um interminável conjunto de obras menores. Este é o tempo em que escritores decisivos continuam a escrever, enquanto outros emergem e suscitam o nosso interesse.

Em todos os domínios vai-se gerando um espírito de classe...

Existirá também uma casta literária?

Que eu reconheça, não. Mesmo admitindo que há algum aristocratismo no trabalho estético que marca o tempo e perdura. É assim que tendemos a olhar os escritores que são, nas diferentes

latitudes, referência de mérito e magnitude. Há, depois, um outro núcleo cuja importância me parece irrecusável e que, mesmo não integrando esse conjunto em que encontramos os autores diletos, propõe à comunidade dos leitores ficções, poemas, ensaios que merecem atenção. E existe ainda um contingente para quem a escrita tem, sobretudo, uma dimensão catártica que não releva literariamente, mas vai publicando. É um direito, deve respeitar-se.

**Não tem surgido com novos livros de poesia nem de ficção.
Zangado com a escrita?**

Uma opção pelo silêncio. Muito amadurecida. Um silêncio a dois níveis: o editorial e o da própria produção. Tenho procurado, nos últimos anos, desvincular-me quanto possível, num plano pragmático, de uma dominante vocação de escritor, por razões que serão porventura contextuais.

Contextuais... durante tantos anos?

O contexto que vivo, em que vivo, não se altera.

O escritor a demitir-se de ser escritor?

A fixar-se cada vez mais em papéis íntimos, seguro de que só o silêncio apetece. Se pudesse escrever com o silêncio... não descobri esse caminho. Nada disto é fortuito, muito menos ditado por circunstâncias voláteis. E não significa que me rasure enquanto autor. Escrevo aquilo a que chamarei o mínimo vital, que, por vontade minha, pode não ser passível de edição.

Uma estratégia?

Nunca fui homem de estratégias. Pelo menos em literatura.

Mas fala de plano pragmático...

Porque me seria impossível não escrever, apesar de tudo.

Continua a escrever “para vencer a morte”? Permita-me lembrar-lhe, em síntese, uma resposta que sobre esta questão me deu há uma dúzia de anos...

Escrevo para vencer a pequena morte que todos os dias nos mata. Não há nenhuma avidez de posteridade nessa afirmação. Apenas a ideia de que o poder criativo tende, de certa maneira, a aniquilar a progressão do fim no tempo concreto dos nossos dias.

Apetece-lhe agora responder de forma diferente?

Não. Embora pudesse fazer uma ou outra precisão e acrescentar reflexões entretanto consolidadas.

Uma das reflexões consolidadas?

A arte é um dos últimos refúgios do sagrado num tempo à mercê dos imediatismos e das cegueiras da razão. Sobretudo enquanto inventiva, experiência vital, oposição ao desmoronamento. E, assim, um exercício contra a morte, mesmo que, não raro, pelo interior do luto.

É-lhe mais difícil a escrita de poesia ou de romance?

Não sei dizer. A escrita é em mim um espaço complexo e amiúde indesejável.

Que fronteira separa a sua poesia da ficção?

A minha ficção publicada tem, em regra, um registo poético.

Nomeadamente os contos. O conto pode abrir mais o “apetite” para a leitura?

Dados verificados, sobretudo na rede de leitura pública, parecem confirmá-lo. O pequeno relato com alto grau de execução técnica tem força. A tradição de narrar e ouvir é muito poderosa. Não pertenco,

no entanto, aos que pensam que o destino da literatura é apenas contar histórias. Pode ser e pode não ser. Basta revisitar os ficcionistas da nossa predileção, tão diversos e, também por isso, tão apelativos.

Quando Saramago venceu o Nobel da Literatura que sentiu?

Alegria. Acima de tudo, alegria. Era o prémio para um amigo, um escritor maior à escala universal, já largamente consagrado pela crítica e pelos leitores, não assumido contra ninguém, capaz de revelar, de algum modo, a singularidade do que somos.

A UNESCO declarou 21 de Março (início da Primavera) dia Mundial da Poesia. Celebração e renovação da vida?

Terá sido a partir dessa ideia que o dia foi escolhido. Lembro, contudo, a excelente poesia escrita a partir de um paradigma saturniano. A melancolia é um dos rios subterrâneos que mais identitariamente marcam a literatura. Melancolia e primavera não são, de resto, inconciliáveis; representam ao mesmo tempo fulgor e sombra, esplendor e cinzas.

“Espero por ti nesta varanda sobre o tempo”, escreve. Que espera é esta?

A espera do novo canto da melancolia no ocidente da vida. A viagem através dos sonhos, tempestades, obstinações e erros. É, em cada dia, o doar-me e o refazer-me das aves que vou perdendo, das mortes que vou sofrendo.

Grandes perdas podem enriquecer a interioridade...

Morri muito em 1999.

Não há poesia que suavize a perda de uma mãe?

A perda de minha mãe foi, continua sendo, uma devastação sem fim. Mas atingiram-me outras perdas, sem remédio. Entre elas, a de muito do melhor que alguma vez fui.

Perda de amizades?

Não tanto. Só uma ou duas amizades se esfacelaram. E já não dou qualquer relevo ao facto.

À melancolia não consegue juntar as palavras otimismo e esperança?

Esperança irreduzível, sim; otimismo, não. Sou um céptico com esperança, o que será oximórico. Mas verdadeiro.

Quantidade/qualidade, velha polémica. Atualmente, em termos de produção literária, que relação lhe parece haver neste binómio?

De alguma forma, a qualidade nasce da quantidade. Alguns dos nomes mais interessantes dos últimos anos são jovens poetas e narradores, a comprovar que os casos de qualidade se tornam assinaláveis mesmo no meio de uma generalizada ausência de instâncias críticas que não estejam à mercê dos núcleos de pressão e receitas do deus-mercado.

Mantém-se avesso à gratuidade, ao facilitismo?

Não rezo no altar da trivialização. Só a arte irá, quero pensar, às áreas mais insondáveis do ser. E isso importa deveras.

Sei que passa horas a fio à volta das palavras. Um comportamento que pode ter que ver com uma ambição desmedida?

A minha atitude é a de estar inteiro no que faço. Com o sentido do rigor, quer para avaliação das minhas capacidades no que vou

escrevendo, quer no respeito que os leitores me merecem, sendo eu o primeiro de entre eles, decerto o menos transigente. Padeço do que alguns amigos já designaram por excesso de lucidez? Como prescindir da maior exigência para comigo? Se por ambição pode entender-se um processo de elaboração cada vez menos imperfeito, e apenas isso, então serei ambicioso. Nada tenho que ver com o tipo de pessoas que andam no mundo ávidas de reconhecimento e feridas pelo insucesso real ou aparente.

Um excesso de lucidez acabará por ser responsável pelo seu ceticismo?

A lucidez nunca será excessiva, creio.

Quem é o professor de comunicação social com todo esse ceticismo? Que dá aos alunos?

Para lá da formação científica e do que corresponde aos programas estabelecidos, procuro dar-lhes uma solidariedade sem limites na responsabilidade e na responsabilização. Um equilíbrio entre inocência e adultidade. Talvez por isso também, o vínculo à Universidade seja um dos meus poucos lados solares.

Mais do que nunca, urge de novo semear utopias?

Considero-as fundamentais, mesmo quando falham. Eis o que incomoda. A utopia tem sempre rios dinâmicos por dentro. Contemplador da última que chegou no vento; um inventor, tanto quanto consigo, da que for ainda capaz de ir à procura dos outros e de encontrar neles o esboço de uma outra história, feita dos universos possíveis – e urgentes – da fraternidade e da justiça.

O sonho, no entanto, parece ter esmorecido em si... Atravessa um período de rutura com a sociedade?

No afeto e na relacionalidade vivemos permanentemente de constâncias e de ruturas.

Fraqueja a mensagem por meio da palavra?

O escritor é insubstituível no que for de aviventar, antes de tudo no contexto estético. E também na humanização da vida, quando se recuse a ser a voz do poder, de qualquer poder. Cabe-lhe, então, decifrar os sinais do tempo.

Reabilitação da palavra, terá de passar por onde?

Por uma alquimia de rigor e inventiva de que não dissocio o labor oficial, as pulsões que recusam a epigonalidade e os experimentalismos incriativos. Num lugar oposto, proliferam talvez o simplismo, a mediocridade aplaudida e uma certa levitação travestida de literatura. Aliciados pela massificação mediática, os leitores, de entre eles os mais novos, ou se acomodam, o que será negativo, ou debandam, o que me parece pior.

Para Stendhal não há plenitude de que a palavra possa estar ausente...

Sobretudo, insisto eu, se essa palavra for também revestida de silêncio. E se ela for aproximação à essência, ao que está oculto. E puder dizer um pouco do imenso que não foi dito. Apesar de ter sido dito quase tudo o que havia para dizer.

Novas gerações, de que modo levá-las a ler mais?

A resposta seria demorada... Haverá que prolongar os esforços do Estado na abertura de novos espaços, programas e possibilidades. Aplaudo o que se faz nas bibliotecas da rede de leitura pública. Continuam a ser um ponto de partida. E acompanho com apreço o renovo de acervos, métodos e projetos no âmbito das bibliotecas

escolares. Mas, numa ação que aglutine os agentes qualificados, é preciso ir mais longe.

Net acabará por “matar” o livro silenciosamente?

O discurso de pavor ou da retração diante da Net não faz sentido. A Internet é, em muitos casos, um estímulo à leitura e ao estudo de importantes autores. Esse é o debate que, a meu ver, está feito. De uma vez por todas.

Urgente recuperar na imprensa portuguesa o encontro com suplementos culturais?

Basta ver o que nos chega de fora. O *TLS*, o *Babelia*, o *Monde des Livres*, entre muitos. Pugnar por valores culturais intensificados no que lhes importa de difusão e pensamento crítico não é assumir uma visão setorializada da imprensa e das suas dinâmicas. Pelo contrário. É uma busca de espaços e tempos a que se tem direito. Por eles passa a humanização da vida.

Na qualidade de presidente da Associação Portuguesa de Escritores (APE), tem-se dado conta do ingresso de novos autores?

Significativo. Prosadores, poetas, ensaístas. Muitos jovens e menos jovens se têm inscrito na APE, participando em algumas das suas iniciativas.

APE, uma barca difícil de levar todos os dias a bom porto?

Mas que vai desenvolvendo o essencial da sua atividade segundo regras de rigor e criatividade, seja na gestão dos orçamentos, seja nas iniciativas que empreende. Encontramo-nos numa fase de reacerto de tudo aquilo que não pôde ser efetivado no tempo próprio. Ainda assim, nenhum programa de ação ficou prejudicado ao longo

destes anos. E não esquecer a realização do Congresso de Escritores Portugueses.

O próximo Congresso de Escritores vai protagonizar alguma mudança?

Irá promover um debate tanto quanto possível profundo de temas, problemas presentes e projetos no contexto criado aos escritores, no seu conjunto e a cada um, pelas mudanças sociais ocorridas nos últimos dez, quinze anos.

Não será apenas um ritual?

Pretende-se assumir uma viragem onde ela mais se impuser. Sem cortes com o que, no plano dos princípios e de certas práticas adquiridas e renovadas, se revela um património fundamental de experiências e augúrios.

Prémios da APE são também uma referência....

Essa é uma opinião generalizada. São porventura os mais prestigiados no contexto cultural português. Para lá dos prémios, continuamos a intervir noutros domínios com uma irradiação e uma força que nunca existiram tanto no que respeita à celebração de convénios com autarquias, bibliotecas, coletividades como na participação, um pouco por toda a parte, em intervenções de índole literária, júris, feiras do livro. A ter presente, ainda, a edição da revista *Escritor*, um dos momentos fulcrais da nossa relação com a sociedade.

Parecem ser sempre os mesmos a dar a cara e a movimentar as coisas...

É uma indicação a ter em conta.

Relativamente à Associação Portuguesa de Escritores gostaria de entrar no "repouso do guerreiro"?

Não sou um presidente eterno nem inamovível, bem entendido. Saberei sair.

Feiras do livro, ano após ano. Como torná-las mais atrativas? Como levá-las às diferentes camadas de público?

Ainda bem que existem e vão estando melhores. Não posso deixar de tornar explícita a minha solidariedade para com aqueles que as vêm tentando remodelar: editores, livreiros, autores, responsáveis pela organização e garantia de patrocínios, independentemente da visão crítica, muito crítica por vezes, que continua a ser a minha face ao que têm sido. Importa que se afirmem como grandes encontros culturais, com a participação dos agentes adequados, e não meras jornadas para escoamento de *stocks*, não raro sem critério nem interesse.

Todo o conhecimento prático que foi adquirindo na Feira do Livro de Braga tem-lhe fornecido, em certa medida, dados essenciais?

Sou apenas o autor do programa cultural da Feira cujos resultados alguns gostariam de esbater. A experiência diz-me que os fatores de interpotenciação, numa lógica imune à pressão dos grupos mais ou menos obscuros, são fundamentais.

É costume promoverem-se muitas sessões de autógrafos. Tornam-se insuficientes?

Não lhes recuso importância. Mas privilegio sempre calendários de ações culturais que acabam, aliás, por beneficiar a legítima dimensão comercial dos eventos.

Recitais podem ser uma outra forma de animar as feiras do livro?

A voz é essencial na poesia como noutros textos. Há exemplos positivos de norte a sul do País. São o bastante para que se reforcem e generalizem. É de incrementar uma realização estética e comunicacional desse tipo.

Voz, uma outra maneira de escrever?

Em mim? Uma espécie de segunda natureza, dizem os amigos. Mas também o que resta de um trabalho de ator que deixei muito jovem e, mais tarde, aprofundei. É bom procurar a música profunda dos textos, apropriar-me das técnicas do teatro e do canto para chegar a um registo singular que, se por um lado recusa a chamada leitura branca, por outro se afasta da elocução exornativa, da declamação tradicional. É uma grande viagem pelo interior de cada texto.

Qual a sensação do poeta que também diz poesia em público?

Gosto do palco, dos lugares onde a poesia se diz. E do meticuloso trabalho na preparação de cada recital. Mas acontece que estes vêm diminuindo e não sei se voltarão, apesar do prazer que me davam. Farei agora umas quantas gravações que a mim devo há anos.

Está a querer dizer que vai abandonar totalmente o contacto direto com o público?

Não. Em todo o caso, parece-me claro que não regressarei ao que fiz nas últimas décadas.

Como ator, o palco deixava-o muito exposto?

Não cheguei, lamento-o hoje, a assumir um projeto de ator. Ficou de casos longínquos esse gosto de partilhar a poesia com públicos diferenciados, no país e no estrangeiro, em três ou quatro línguas. E senti-me sempre bem em palco, descontados os instantes de tensão e ansiedade, que doem mesmo.

Teatro português vem recuperando espectadores?

Essa é outra questão. Admito e desejo que sim. Na sua diversidade estética, etária, geracional, sociológica e com os resultados que umas quantas companhias, mais antigas ou recentes, notoriamente asseguram.

E política ativa, para si, nunca mais?

Em 1991, para surpresa de muita gente, afirmei que renunciava a qualquer intervenção política concebida como atividade quotidiana e profissional. Cumpri, como se tem visto; não me move a intenção de alterar a decisão.

Desiludiu-se do Partido Comunista em cuja bancada foi deputado?

Vivi circunstâncias difíceis e fui-me apercebendo de que outros projetos, que me eram vitais, vinham sendo flagelados pela política em simultâneo. Senti que esse esforço era pouco menos do que inútil, sendo que se me tornava clara a degradação progressiva da qualidade da democracia no interior do grupo.

Tanto tempo depois do 25 de Abril, há quem julgue estar a assistir-se a um abandono do projeto democrático...

Antes de tudo, ao abandono, por parte de muitos responsáveis políticos, de perspetivas de transformação da realidade, no sentido de melhoria das condições de vida dos portugueses e, em especial, dos mais carenciados. A democracia nunca estará realizada enquanto a miséria e a exclusão aumentarem. Existem realidades sombrias e muita esperança frustrada.

“Esperança agredida” de que nos fala um dos seus livros?

Livro de um certo poeta de há muito tempo.

Morreu completamente o poeta?

Não. Estava apenas a marcar no meu próprio tempo pessoal a distância que me separa dos anos em que surgiu *A Esperança Agredida*.

O Parlamento tem vindo a afastar-se dos grandes problemas das populações, dos grandes dramas sociais?

Penso haver um afastamento efetivo, mesmo reconhecendo que, hoje como no passado, há protagonistas parlamentares, políticos e sindicais de grande mérito. Sem querer fazer um juízo demasiado severo, suponho que a chamada classe política tem vindo a bastar-se com muito pouco. Seria importante que os níveis de exigência, desde logo de ordem cultural e do conhecimento profundo dos problemas, e do estudo das soluções que venham de facto a responder-lhes, pudessem ser elevados. O que suscita, entre muitas, a questão dos critérios de recrutamento dos eleitos.

Portugal regista uma elevada taxa de abstencionismo, inclusive nas eleições para a Assembleia da República. Como interpreta essa reação dos eleitores?

Há um progressivo desinteresse pelas questões políticas, que são de todos, em favor de uma prática da indiferença, sempre lesiva dos direitos de cada um e empobrecedora da democracia. Ao fenómeno, entre inúmeras causas, não são alheias tanto as práticas partidárias, o que nelas é incoerência e cacofonia, como as estratégias formatadoras que afloram no espaço mediático.

No romance *Ensaio sobre a Lucidez*, Saramago propõe uma «revolução» com votos em branco. Acha possível?

Sobre ser uma possibilidade legal, o voto em branco – diferentemente da abstenção – exprime um pensamento, uma voz

que se não ausenta e prefere dizer a recusa de qualquer das soluções que, em dada circunstância, se proponham ao eleitorado.

O «ensaio» saramaguiano é um desafio à capacidade de reflexão?

A fábula que José Saramago construiu, para além do seu excepcional mérito literário, estimula, de facto, a reflexão em torno do que poderia ocorrer ao sistema representativo uma vez acrescidos a convicção de que entrou em declínio e o confronto com a oposição radical de quem lhe dá crédito. Poderia, poderá. Ainda é viável, apesar do rude diagnóstico, apoiar nas urnas os partidos que conhecemos? Urge ou não repensar a democracia, de alto a baixo, por forma a que não seja uma caricatura e se revele capaz de enfrentar com êxito os problemas elementares do homem e das sociedades? A questão coloca-se. E parece-me essencial não a iludir por mais tempo.

Num tempo de globalização corre-se o risco de uma liberdade mascarada?

Sim, se progredir o que vem no bojo da globalização sob a égide do neoliberalismo e do poder financeiro. Há liberdades estrangidas pelos factos e por novas leis injustas. Nem sequer, atentos uns quantos dados impressionantes, será de proclamar que não existe o risco de emergirem fenómenos de cariz totalitário sob máscara de uma direita constitucional no interior das democracias. Urge descomprimi-las, urgem políticas radicalmente outras. Daí, por exemplo, a alterglobalização que, desde Seattle, nos implica e determina.

Questiona ortodoxias?

Sempre questionei. Esse foi um dos «tormentos» da minha vida. Muito antes de todos os movimentos críticos era sabido, no interior

do PCP, que não me afirmava um marxista-leninista. E mantive sempre o hábito de ler os filósofos.

Revisita Marx?

Marx continua a ser uma referência. Não prescindo, no entanto, de filósofos de múltipla identidade que me ajudam a formular perguntas fundamentais, mesmo os que se não reivindicam do marxismo.

Em que situação poderia dar-se o seu regresso à atividade política?

Só no caso de as liberdades estarem em perigo; só perante a iminência do ressurgimento de um contexto totalitário, que, apesar de tudo, espero não esteja no horizonte coletivo.

Padece de um certo desencanto... Ou será um distanciamento?

Desencanto de quem nunca em demasia se encantou. E distanciamento em relação ao discurso e à pose que fazem o quotidiano da política.

Acabou por ser um poeta-filósofo na própria política?

Gostaria muito de acreditar que sim.

Haverá lugar no futuro para poetas e filósofos?

O futuro terá sempre filósofos, poetas, narradores. Negar-se-ia sem eles. Seria o brevíssimo epiléptico a uma mutilação sem horizonte após. Impensável, não? Filósofos e poetas contra o império dos dogmas. Mas também a sustentarem a congruência das suas opções. Nenhum dogma me terá cegado, creio. A não ser numa qualquer passagem ilúcida que mal recordo. Por isso digo, por exemplo, que não alieno nada do que é a minha memória das lutas que empreendi ou daquelas a que me associo, buscando sem tibiezas a renovabilidade das coisas.

Que é ser, hoje, de esquerda?

Não aceitar os adquiridos da sociedade constrangente em que vivemos. Refundar no concreto uma utopia transfiguradora, sistêmica, coerente, e agir em conformidade.

Com o silêncio a que se remeteu como dá coerência ao seu modo de pensar?

O meu silêncio não é uma deserção nem um pacto com a inércia social, mesmo persistindo em não aceitar qualquer normativismo na arte, que só concebo livre e autónoma nas suas opções a todos os níveis. É antes um percurso de intimização, desnudamento, sereno tumulto.

Quem é para si Álvaro Cunhal?

Uma personalidade com quem mantive encontros decisivos, na divergência e no diálogo. Acima de todas as controvérsias, ficará como um nome nuclear do século XX português.

Mário Soares também faz parte dos seus eleitos?

Outro desses nomes nucleares. Um dos fundadores do regime democrático, Presidente da República de grande envergadura. Alguém cujo percurso enuncia a coragem da resistência e a energia com que se fez e faz a liberdade. O rasgo, o carisma muito peculiar. Aquilo que nos diferencia nunca obstou a uma amizade que sobremaneira me honra.

Ramalho Eanes?

O Presidente na hora da estabilização institucional e, não obstante, do fervor de muitos dos conflitos que moldaram a democracia que vivemos. Dele discordei em momentos cruciais, como no eclodir do

PRD, mas nunca deixei de ouvir a sua palavra e os seus silêncios com plena atenção. Até pela qualidade da pessoa, que sempre prezei.

Sá Carneiro?

Conheci-o antes de 74. Conversámos sobre o crepúsculo da ditadura e a luta para a sua superação. Também sobre livros, filmes, questões de Direito. Era um social-democrata de feição moderada, não tanto moderadora, cordial e intrépido. Combati-o e respeitei-o no pós-Abril, como era natural.

Tem manifestado publicamente a sua admiração por Jorge Sampaio. Que vos une?

Uma amizade consistente, de mais de trinta anos. Admiro-o pelo que nele é privilégio do racional sem rasura da afetividade, brilho e determinação, cultura, carácter. O seu magistério continua sendo um dos maiores referenciais de dignidade na viscidez ou no torpor dos dias que passam.

Como vê Cuba?

Não gostaria que se confirmasse como a ilha do nosso descontentamento. Sem quebra de solidariedade relativamente à luta contra o embargo americano, que se traduz por quatro décadas de ignomínia, entendo que as últimas execuções tornaram patente o que no regime cubano, tal como o conhecemos, se encontra há muito perimido. Os fuzilamentos e a ausência de liberdades públicas não podem, em caso algum, ser caucionados.

Literatura de combate ideológico, que também tem sido a sua, ainda faz algum sentido?

Independentemente de todos os percursos estéticos, a realidade do mundo interpela-nos. É das relações com essa evidência que se faz a nossa própria singularidade. A minha poesia assumiu a história e o

apelo do imediato e do concreto. Não rejeito os livros dessa fase. Depois, esteticamente foi sendo superada; passou a exprimir-se como projeto distinto mas que não se enclausurou nem se demitiu dos lugares do inconformismo. A partir de meados de 80 ou mesmo antes, passei a ser um outro escritor que muita gente não quis ver.

Sente-se ferido por não terem querido ver esse outro escritor?

Embora atento à opinião dos outros, ela não me condiciona.

Quase quatro décadas da sua poesia estão celebradas em antologia. Sente-se compensado?

Sinto-me não acontecido, de certo modo ainda por haver. E, no entanto, diante de uma parede escura. Dentro de um rio que se retrai e imobiliza. Apenas isto.

Tem influências do realismo e surrealismo. O neorrealismo, acha-o uma estética menor?

Há um preconceito ainda muito forte na avaliação de alguns autores. Todos os balanços, porém, são provisórios. A fortuna literária de escritores como Carlos de Oliveira, Fernando Namora ou Redol, entre outros, está decerto por apurar. São personalidades cuja relevância só por obstinado apriorismo pode ser posta em causa. Se, na ficção e na poesia, ao longo do século XX, podemos considerar fundamentais figuras como Nemésio, Torga, Jorge de Sena, Ruy Belo ou Nuno Bragança, para só referir alguns dos que já não estão entre nós, também me parece inquestionável que nomes como os que citei anteriormente integram esse património que a posteridade não irá esquecer.

Mário Dionísio refere-se a uma literatura em que o espelho é o homem. Poderá a literatura deixar de ser o espelho do

homem, seja qual for, em termos estéticos, o binómio forma/conteúdo?

Prefiro ver o que foi esse tempo de que falávamos, no século XX, e responder de forma indireta. Nele escreviam, por exemplo, Carlos de Oliveira e Miguel Torga, Régio, Fernando Namora e Jorge de Sena, Vergílio Ferreira, Namora e Agustina, José Gomes Ferreira, Abelaira, Maria Judite de Carvalho, que sei eu?, Mário Henrique-Leiria, Manuel da Fonseca, O'Neill e Mário Dionísio. Ainda se não conhecia nada – ou quase nada – do José Saramago, do António Lobo Antunes, etc. Independentemente do modo como se posicionaram, como foram posicionados, (para ser mais preciso) no campo literário, *à la Bourdieu*, tão diferentes entre si, doaram-nos, e os que estão vivos continuam a produzir uma obra que nos interpela e estimula.

Quanto a si, é um escritor por quem continua a passar a luta do homem comum?

Por quem passa o quotidiano, a história, a reflexão filosófica, a circunstância individual plasmada na hora que se esvai, grandes interrogações não pré-moldadas por qualquer intencionalidade ou normativismo de natureza ideológica.

Concorda com as bolsas literárias?

Bati-me por elas desde o início dos anos 80. Não são mais do que um grão para que se torne possível uma resposta da sociedade àquilo que é o trabalho dos autores. Os escritores, os artistas em geral, contribuem para o enriquecimento do património imaterial que legamos ao futuro. A primeira iniciativa das bolsas foi produtiva; dever-se-á refletir sobre ela e reequacionar critérios.

Quem é o poeta, o romancista com letras em fados de Coimbra?

Nunca escrevi textos para fados de Coimbra. Salvo uma ou outra exceção. Nem para canções num domínio que me diz mais. Mas há poemas meus que foram cantados, em especial pelo Jorge Cravo. Gosto de o ouvir a cantá-los. Gosto de um canto assim, nervo, interpretação pessoal, beleza, impulso de modernidade. Motiva-me a qualidade de vozes dessa estirpe, o seu trabalho, o que propõem, não tanto a revisitação da minha poesia. Não sou um homem feliz à sombra da sua legenda.

Por que diz isso com tão grande tristeza no olhar?

Quem sou eu para negá-la, tão acentuada anda, tanto mais que me coloca nesse lugar onde toda a realização deverá reunir responsabilidade, autocrítica e um instinto de avaliação e superação contínua?

Almeida Santos interpretou a canção coimbrã. Gosta de o ouvir cantar?

Pela delicadeza e elegância do seu registo, todo ele recolhimento e doação.

A sua experiência na Alta Autoridade para a Comunicação Social, bem como no Conselho de Opinião da RDP, a que presidiu, motiva-me uma pergunta: face às áudio notícias atualizadas a cada instante, que papel está atualmente reservado aos jornais?

O reforço de espaços de aprofundamento das matérias, de debate e reflexão, sem perda da identidade noticiosa e das suas premências e dinâmicas, do que tal representa como fenómeno de ligação aos destinatários. Um periódico vive, bem sabemos, de informação e opinião, mas um jornal salamizado, com os conteúdos manietados em três linhas de um formato que reduz o real, quando não o adultera, perde. E não só a favor das rádios, das televisões, mais

instantâneas no processamento comunicacional. Perde a todos os níveis. E com essa perda perdemos nós.

Jornais à moda de 40 ou 50, ou mesmo ainda nos anos 60, já não podem aceitar-se, apesar de grandes nomes do jornalismo desses tempos...

Não se trata de retornar à enxúndia, à escritorreia, a laudas e laudas de prosa sem público. Tão simplesmente de não atrofiar, contundir, manipular a vida e as suas ocorrências.

Voz dos ardinias ajudava a vender jornais?

Lembro-a com nostalgia e sei que faz falta nas múltiplas cidades do meu viver.

Espaços de debate e cultura de que modo devem interessar televisões e rádios enquanto meios de grande difusão?

São insuficientes os espaços de índole cultural nas programações televisivas, serviço público incluído. Não me pronuncio sobre a qualidade e o interesse dos que existem, diferenciáveis e passíveis de avaliações diversas. Mas há um país à margem da informação e da oferta que em geral conhecemos nesta paisagem precária, não raro manietadas por opções que não afastam a prática da exclusão e deixam a nu fragilidades, tanto a nível estético e crítico como no que respeita a critérios de realização. As exceções só confirmam a regra.

Vive entre Braga e Lisboa mas sempre, na sua escrita, com um olhar dirigido ao Sul. Mágico e mítico, o Sul?

É. O mar, a viagem. O que na impermanência permanece. Nasci em Luanda, uma cidade rodeada de água e lonjura, memória e enigma. Trago em mim esse bernal primeiro e definitivo. Mas no meu sul há um norte também, terra de uma outra jubilação, de um outro magma melancólico.

“Tem frio a pátria”, verso seu. A Pátria continua a ter frio?

Em muitos momentos, sim.

Quero um verso seu para todos os dias mundiais da poesia...

Todo o tempo é de começo.

@ MARIA AUGUSTA SILVA